

O PROCESSO DE INCLUSÃO DO SURDO NO ENSINO REGULAR

Fabiana Fernandes dos Santos ¹
Joyce Ribeiro dos Reis ²
Hildinara Mourão do Rêgo ³
Francisca Ianka Lopes dos Reis ⁴
Keila Azevedo Vieira Silva dos Santos ⁵

RESUMO

O processo de inclusão do surdo no ensino regular é de grande importância, para que os mesmos se sintam incluídos no contexto escolar e na sala de aula. Neste trabalho abordamos a importância da inclusão de alunos surdos dentro da sala de aula, buscando saber o quanto o professor está capacitado para trabalhar com esses alunos. O objetivo da pesquisa foi saber das competências e metodologias usadas por professores para inclusão do aluno surdo na sala de aula. A escola que contribuiu como locus da pesquisa localiza-se no Município de Caxias-MA e oferece o ensino fundamental do 1º ao 5º ano, participaram da pesquisa de forma livre, um total de 4 professores. Aplicou-se um questionário com perguntas abertas e fechadas buscando dados que nos permitisse investigar como os alunos surdos estavam inseridos na sala de aula, e quais as principais dificuldades dos professores com esses alunos. Podemos concluir que ainda é pouco estudado e incentivado a questão da inclusão do surdo no ensino regular, falta recursos por parte da escola e das autoridades competentes.

Palavras-chave: Ensino regular, Inclusão, Autoridades competentes.

INTRODUÇÃO

As barreiras que separam os ouvintes e os não ouvintes no cotidiano escolar por esse motivo optou-se em fazerem um estudo sobre o Ensino de Libras e suas contribuições para o processo de inclusão do aluno surdo na sala de aula no Ensino Regular. Sabem-se que as relações sociais que se dão no espaço escolar possibilitam a formação dos sujeitos envolvidos, colaborando assim para uma apreensão do conhecimento, na medida em que viabilizam a socialização de ideias, opiniões e contradições que contribuem para a efetivação da aprendizagem do aluno Surdo na sala de aula.

A linguagem de Sinais é do que nunca um meio eficaz de comunicação para os Surdos, é por meio dessa linguagem que os surdos se entendem e compreendem o mundo a sua volta. A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) ocupa hoje um importante papel na inclusão de dos

¹ Graduando de Ciências Biológicas do Instituto Federal do Maranhão - IFMA, byacaxias24@gmail.com;

² Graduando de Ciências Biológicas do Instituto Federal do Maranhão - IFMA, joycereis@acad.ifma.edu.br;

³ Graduando de Ciências Biológicas do Instituto Federal do Maranhão - IFMA, hildinara.rego@acad.ifma.edu.br;

⁴ Graduando de Ciências Biológicas do Instituto Federal do Maranhão - IFMA, franianka.lobes@gmail.com;

⁵ Professor orientador: Keila Azevedo Vieira Silva dos Santos, Instituto Federal do Maranhão - IFMA keilaazevedo@ifma.edu.br.

Surdos, oferecem a eles mecanismos nos quais possibilitam a sua participação na vida em sociedade, tanto nos aspectos político, econômico, social e cultural.

No entanto, não dá para falar em linguagem de sinais sem se falar inclusão, termo que repassa não apenas a comunidade. Muito tem se discutido a respeito da inclusão no âmbito escolar, muitos são os discursos que acerbam às políticas públicas voltadas para a Educação Inclusiva.

Existem umas séries de medidas que visam e chamam de inclusão, porém percebem-se que nas teorias as falácias são coerentes, perfeitas, mais a prática da inclusão da pessoa Surda no Ensino Regular está bem do que distante daquilo que se espera, pois há poucas ênfases dado ao universo do Surdo dentro do contexto social, suas dificuldades e sua maneira de o mundo, principalmente quando estes adentram a escola, se deparam com profissionais da área educacional (corpo escolar) despreparados para recebê-los, causando estranhamento e frustração na no aluno Surdo.

As crianças Surdas aprendem a comunicarem-se de forma diferente, seu olhar é voltado a tudo que está a sua volta numa intensa busca do saber, do conhecer a si e o outro. Nesta perspectiva Carvalho (2004, p.32) “A escola deve ser também, o espaço de alegria, onde os alunos possam conviver desenvolvendo sentimentos sadios em relação ao outro, a si mesmo e em relação ao conhecimento”. Partindo dessa premissa, torna-se essencial se compreender as reais necessidades de um aluno com deficiência auditiva de um aluno em uma sala de ensino regular, pois a importância das relações interpessoais para a construção do saber, portanto, cabe aos professores do não apenas ensinarem, mas encontrarem alternativas ou maneiras de se desprenderem do seu mundo, de modo a compreenderem o universo do aluno Surdo e dos ditos “normais” respeitando as diversidades dentro do âmbito escolar.

2 A LÍNGUA BRASILEIRA DOS SINAIS – LIBRAS

O surdo utiliza a Língua de Sinais como forma de comunicação com seu mundo exterior é, por meio dela, que interage com as pessoas em sua volta e expressa seus sentimentos, diferentes da Língua Portuguesa, a LIBRAS tem um vocabulário próprio, não são universais e se difere de região para região ganhando identidade própria de sua cultura regional.

A Língua de Sinais (LS) como disciplina obrigatória no ensino regular seria um importante passo para a inclusão, uma vez que esta visa a atender não só apenas aos interesses dos surdos, mas também aos educandos ouvintes que ao adquirir, o conhecimento da língua falada pelos surdos, passa a interagir e a compreendê-lo melhor.

Não basta apenas acreditar na ideia de utilizarem-se técnicas e recursos metodológicos especiais para que esse aluno possa se integrar com seus colegas da escola regular e com a sociedade da cultura ouvinte, a Língua Portuguesa é bem mais complexa do que se imagina e introduzi-la forçosamente aos surdos não resolveria seu principal problema que começa pelo estranhamento das culturas de dois grupos distintos, os que ouvem e os que não ouvem.

Os surdos sempre foram, historicamente, estigmatizados, considerados de menor valor social. Afinal, faltava-lhes a característica eminentemente humana: a linguagem (oral, bem entendido) e suas virtudes cognitivas. Sendo destituídos dessas “virtudes”, os Surdos eram “humanamente inferiores” (SANTANA; BERGANO, 2015, p. 566).

Neste sentido, é justamente diante de situação de inferioridade que se depara a cultura surda, nota-se a necessidade de encontrar meios para que a sociedade constituída por ouvintes possam relacionar com os que não escutam, numa intensa busca do saber sistematizado e não sistematizado, de entender e fazer-se compreendido consigo e com o outro.

Vale ressaltar-se que os surdos e ouvintes são atores sociais que estão constantemente interagindo uns com os outros em contexto culturais e sociais. É através das relações sociais que as pessoas tomam conhecimento das regras de conduta necessárias para viver em sociedade. E os surdos compreendem estas regras quando encontram pessoas que sabem se comunicarem com eles através da linguagem dos sinais.

É necessário compreender que o contato com a diversidade cultural contribui para que o sujeito seja capaz de aceitar e escolher o que é diferente, percebendo assim, a importância de cada um na construção de valores e saberes indispensáveis para a convivência de forma coletiva.

O Ensino de LIBRAS constitui-se um importante passo para a inclusão de crianças e adultos no espaço social e escolar. Portanto, ao inserir o Ensino de LIBRAS, na escola regular, e a criança surda é inserida na escola regular desde a pré-escola, esta terá maior possibilidades para aprender e se desenvolver no contexto social, e dessa forma a escola estará contribuindo para a quebra de paradigmas que ainda hoje, separam as crianças especiais das ditas “normais”.

Conforme a Lei Nº 10. 436, de 24 de abril de 2002, em seu Art. 1º reza: é reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais- LIBRAS e outros recursos de expressão a ela associados. Em seu Parágrafo Único esclarece:

Parágrafo Único: Entende-se como Língua de Sinais - LIBRAS a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL, 2002)

As relações sociais que se processam no âmbito escolar e fora desse espaço é proporcionar tanto ao aluno ouvinte como ao não ouvinte, um espaço de aprendizagem que ficarão enraizados na formação de sua personalidade entanto ser social.

Na atual sociedade apesar de ser individualista é praticamente impossível viver isoladamente, é necessário é preciso se sentir parte integrante da sociedade e não viver de forma isolada, sem perceber o outro independente deste ser “diferente”.

As pessoas com deficiência auditiva sempre foram alvo de discriminação, já que a língua de sinais por muito tempo foi vista como empecilho para evolução da oralidade dos surdos, pois estes tinham que de algumas formas se adaptar a cultura dos ouvintes, todos os métodos didáticos empregados negligenciavam sua condição de ser limitados sua aprendizagem. Pode-se comprovar que deficiência auditiva também possui seu contexto histórico e este se encontra dividido em fases.

1- Revelação cultural: fase os povos surdos não tinham problemas com educação. A maioria dos sujeitos surdos dominava a arte da escrita e há evidencia de que antes do ano 1880 havia muitos escritores surdos, artistas surdos, professores surdos e outros sujeitos surdos bem-sucedidos.

2- Isolamento cultural: depois do ano 1880 ocorre uma fase de isolamento da comunidade surda em consequência do congresso de Milão que proíbe o acesso da língua de sinais na educação dos surdos, nesta fase as comunidades surdas resistem à imposição da língua oral. (STROBEL, 2009, p. 12) .

Percebe-se com clareza que o processo de emancipação de sua identidade, os surdos chegam a passar por momentos muitos difíceis como, por exemplo, o seu isolamento cultural que culmina com a proibição do acesso da língua de Sinais até chegar o despertar cultural, onde após muitos anos de luta e opressão inicia-se uma fase de aceitação da sua cultura.

De acordo com Shliar (2009, p. 29) “só através do reconhecimento dessas diferenças há chances de se promover uma igualdade de condições de vida entre surdos e ouvintes, ou seja, pelo confronto com a realidade relativa ao surdo”.

Somente por meio de uma política pautada no compromisso de instituir-se o Ensino de Libras na escola regular é que se pode promover uma igualdade de condição, dando oportunidade ao surdo de sentir-se aceito e acolhido dentro de um universo que antes eram dominados pela cultura ouvinte.

3 O CONVÍVIO ENTRE ALUNOS SURDOS E OUVINTES

É comum no ambiente escolar os alunos surdos se manterem afastados dos ouvintes, no entanto, esse estranhamento ocorre pela dificuldade de um entender a cultura do outro, visto que os alunos ouvintes não foram educados para compreender o universo da cultura da surdez, e tão pouco para interagir com eles.

Neste contexto, o distanciamento acaba por gerar uma barreira que os separam, uma vez que a falta de a falta de interação tende a fazê-los a procurar cada vez mais grupos semelhantes a si, pois os surdos mesmos em situação de “autoridade”, em sala de aula ainda é visto como inferior. Porém, somente é possível a inclusão, quando o indivíduo entende e compreende o outro numa relação recíproca de informações e reconhecimentos.

É perceptível a presença de um sentimento de inferioridade nos surdos produto de uma trajetória marcada pela meta de ser igual ao ouvinte, numa realidade em que todos os serviços e suportes de convivência, e até muitas vezes, de sobrevivência, são direcionados às pessoas ouvintes. Eles colocam, de um lado, os surdos e todos as suas deficiências e, de outros ouvintes que só pelo fato de assim o serem representarem o que há de bom (DORZIAT, 2009, p. 29)

As pessoas surdas sejam elas crianças ou não sofreram e infelizmente ainda sofrem discriminações, por muito tempo foram tachados de retardados e poucos sociáveis, a falta de atenção dados a eles fez com que surgissem os sentimentos de inferioridade, levando-os cada vez mais ao afastamento da cultura ouvinte e conseqüentemente a buscar-se pessoas iguais a eles compartilhavam-se as mesmas condições, ou de serem excluídos e incompreendidos no universo dos ouvintes.

O fato é que, não se pode falar em inclusão sem se atentar-se primeiro para a necessidade da aquisição da língua, utilizadas pelos surdos, à inclusão só acontecem quando no universo dos ouvintes, a Libras passa a ser tão importante quanto a própria língua escrita ou

falada no seio social, não basta apenas colocar esse aluno em sala de aula, é necessário, sobretudo que dentro desse espaço se estabeleça também diálogo entre ouvintes e não ouvintes.

A preocupação de forma professores habilitados para o Ensino de Libras já vêm sendo tratados no decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Com dispõe o art. 3º.

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de fonoaudiologia, de instituições de ensino, pública e privada, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

No contexto acima, referente ao conhecimento da língua de sinais é um fator preponderante para inclusão dos surdos e conseqüentemente para se aproximarem daqueles que antes a língua o separava. É fundamental perceber a importância das relações que se processam no meio social, na escola e no interior da sala de aula, e que a condição de surdo não é ser um estranho no seu mundo, no contexto atual, pós-modernidade.

Nesta perspectiva, é de grande importância que o professor deve ser o conhecedor das limitações desse aluno e ao mesmo tempo o mediador, nas trocas de informações entre grupos distintos, de modo a colaborar para que haja eficácia e coerência nas interações socioeducativas dentro do mesmo espaço de aprendizagem.

METODOLOGIA

Para efetivação deste estudo utilizou-se pesquisa bibliográfica, de campo e também se dará uso da pesquisa quanti-qualitativa.

Segundo Gil (2002, p. 44) “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado constituído principalmente de livros, artigos científicos que servirão de suporte teórico”.

Para Gil (2001 p. 53) “a pesquisa de campo pelo fato de o pesquisador realizar a maior parte do trabalho pessoalmente, pois é enfatizado a importância de o pesquisador ter tido ele mesmo uma experiência direta com a situação de estudo”.

Na concepção de Minayo (1994, p. 21) “a pesquisa qualitativa trabalha com universo de significados, motivos, aspirações, valores, crenças e atitudes o que corresponde a um espaço mais profundo das relações”.

Será feito o uso das técnicas como questionários com perguntas abertas e fechadas, aplicados para professores da Educação Infantil, do Centro de Educação Infantil professora Francileide Leal Moreira, a amostra se constituirá de 4(quatro) professores ouvintes que ensinam alunos surdos e ouvintes na escola regular.

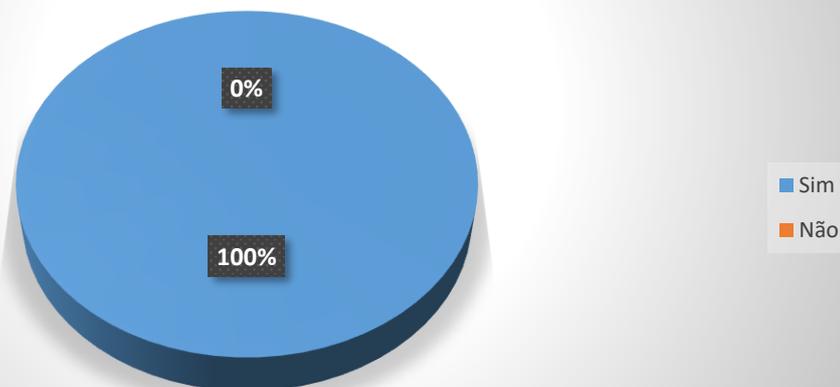
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após apresentação do conteúdo e explicação do tema trabalhado, aplicou-se um questionário destinado aos professores que ensinam alunos surdos e ouvintes na Educação Infantil. Foram repassados para os professores questionários a serem respondidos, assim como foi proposto. Foram analisados 4 questionários contendo um total de 6 perguntas cada, onde foram distribuídos entre eles, lhes dando tempo suficiente para resposta.

Os professores foram perguntados sobre *“Você acha que é importante o ensino de libras no processo de inclusão na sala de aula?”*. Onde (100%) dos professores afirmaram que sim, tendo como algumas justificativas o fato de ter muitos alunos com essa deficiência fora da escola por falta de oportunidades e profissionais especializados na área. (figura 1).

Figura 1.

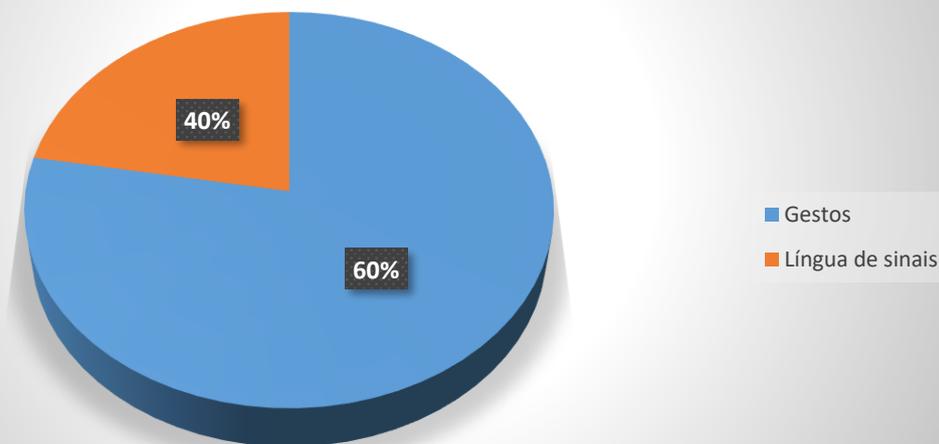
Você acha que é importante o ensino de libras no processo de inclusão na sala de aula?



Em outra questão do questionário foi questionado sobre “*Quais são suas maiores dificuldades para ensinar o(s) aluno(s) surdos?*”. Onde nas respostas eles tinham opções, tais como: “Gestos” (60%), sendo seguida por “Língua de sinais” (40%), observe a figura 2.

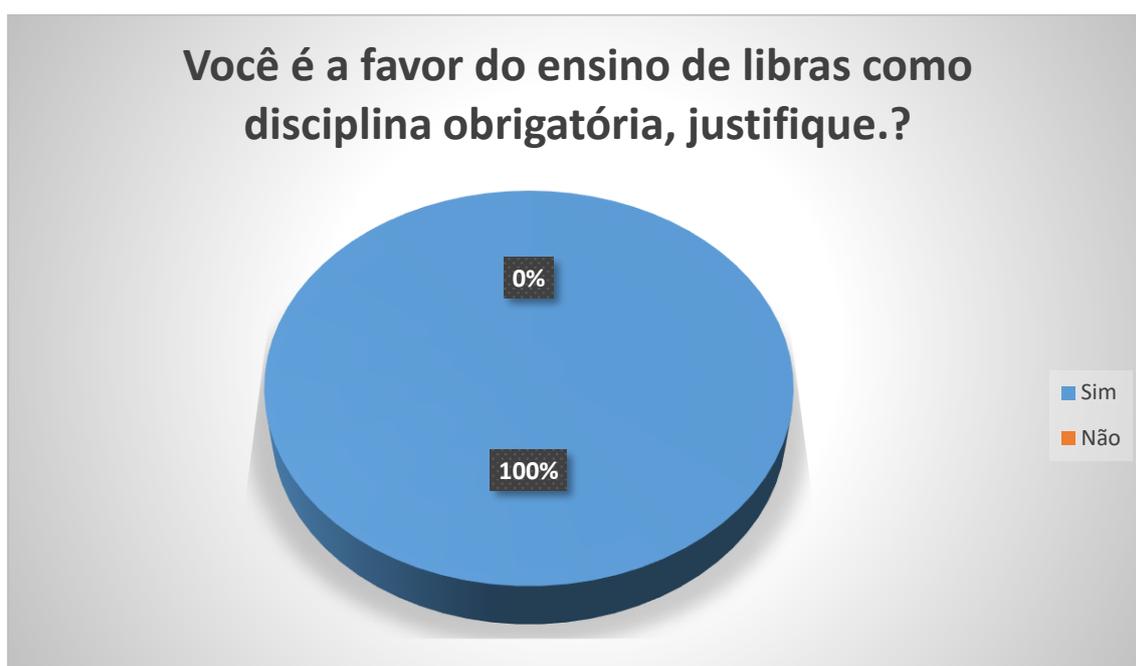
Figura 2.

Quais são suas maiores dificuldades para ensinar o(s) aluno(s) surdos?



A pergunta seguida teve como objetivo saber do professor *“Você é a favor do ensino de libras como disciplina obrigatória, justifique.?”* Onde a maioria se colocou como *“Sim”* (100%), sendo seguido por *“Não”* (0%), contendo algumas justificativas como foi pedido no questionário, tais como: *“sim, de extrema importância, tanto para o aluno com a deficiência, como para os demais.”*, *“sim, pois ajuda na comunicação do aluno com os demais colegas de classe.”* entre outras justificativas. Observe a figura 3.

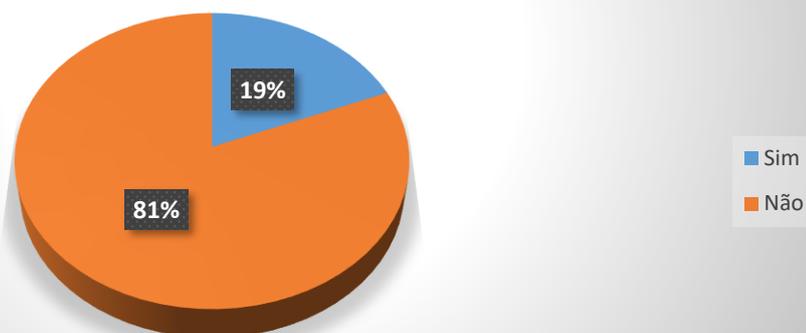
Figura 3.



Referindo-se à quarta questão foi abordado a opinião do professor, *“A escola colabora com o professor (es) no sentido de oferecer ao aluno surdo suporte para o desenvolvimento integral desta criança? Justifique.”*, a maioria das respostas foi para *“Não”* com (81%), seguido por *“Sim”* com (19%). Obtendo algumas justificativas como foi pedido no questionário, *“Não, as vezes parece que estamos jogados.”*, *“Não, falta projetos não só na parte da escola, como do município.”*, *“Não, pois falta mais profissionais competentes para esse tipo de aluno.”* Observe a figura 4.

Figura 4.

A escola colabora com o professor (es) no sentido de oferecer ao aluno surdo suporte para o desenvolvimento integral desta criança? Justifique.



Referindo-se à quinta questão foi questionado “*Quais metodologias que você utiliza que facilitam os processos de ensino e aprendizagem da criança surda na sala de aula?*”. Tendo como respostas: “*Uso de jogos, para envolver com os demais colegas.*” “*Brincadeiras para incluir todos.*” “*Tento passar o máximo de libras para que os alunos tenham uma melhor comunicação com os colegas*” “*Sempre apresentar a língua de sinais durante as aulas.*”.

Após o final do questionário, fomos conhecer os alunos que tinham na escola e assistir um pouco do que os professores usavam com esses alunos, buscando ver na prática o que nos foi repassado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que ainda é pouco estudado e incentivado a questão da inclusão do surdo no ensino regular, falta recursos por parte da escola e das autoridades competentes. A pesquisa foi bastante significativa, a troca de conhecimentos é importante, e tratar com os próprios alunos sobre o assunto é de extrema importância.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes nacionais para a educação básica, Secretaria de Educação Especial.** MEC. SEESP, 2001.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências.** Disponível em:

<<http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/LEIS/2002/L10436.htm>>.

CARVALHO, Rosita Edler. **Educação Inclusiva: com os pingos nos “is”.** Porto Alegre: Mediação, 2004.

DORZIAT, A. **O outro da educação: pensando a surdez com base nos temas identidade/diferença, currículo e inclusão.** Petrópolis: Vozes, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Gestão de pessoas: enfoque nos papéis Profissionais.** São Paulo: Atlas. 2001.

LIMA, Priscila Augusta. **Educação Inclusiva e Igualdade Social.** São Paulo: Avercamp, 2006.

SKLIAR, C. (2009). **A localização política da educação bilíngue para surdos.** In C. Skliar (Ed.), *Atualidades da educação bilíngue para surdos* (p. 29). Porto Alegre: Mediação.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** Florianópolis: Editora da UFSC, 2008a.